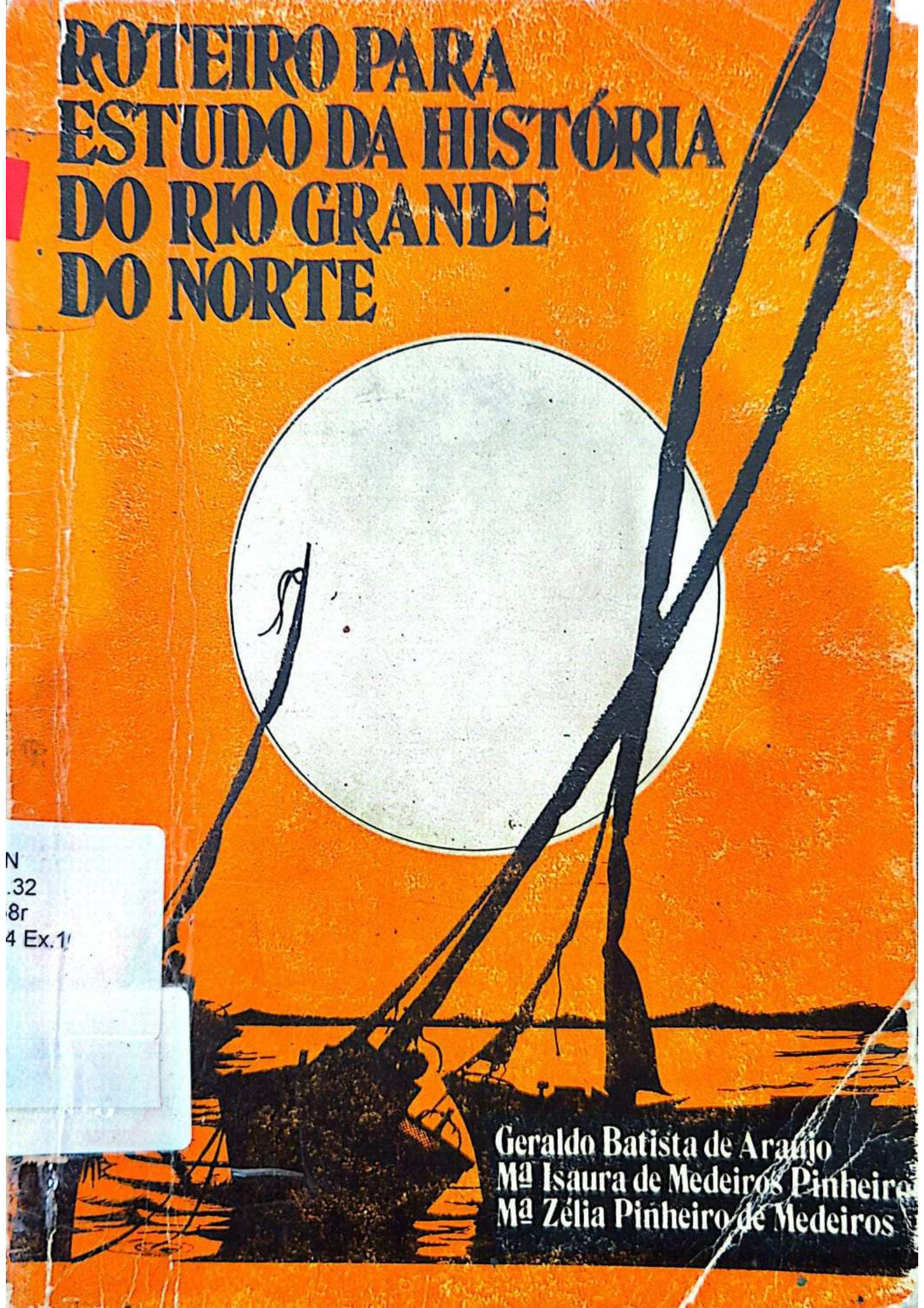
ROTEIRO PARA ESTUDO DA HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE



N
.32
8r
4 Ex.1

Geraldo Batista de Araújo
Mª Isaura de Medeiros Pinheiro
Mª Zélia Pinheiro de Medeiros

5 - O PROCESSO DE MISCIGENAÇÃO NO RIO GRANDE DO NORTE

"... Ninguém ouviu
o soluçar de dor
No canto do Brasil
Um lamento triste sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi p'ro cativeiro
E de lá cantou
Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
Do quilombo de Palmares
Onde se refugiou."
(Mário Duarte e Paulo César Pinheiro).

O português, elemento dominante na formação da etnia brasileira, já se apresentava à época da colonização, como povo resultante de um intenso caldeamento. Celtas e Íberos se mesclaram para constituir os celtíberos, povoadores iniciais da península ibérica. A este processo de caldeamento foi acrescida a miscigenação com os gregos, fenícios, romanos, visigodos e, posteriormente, árabes. A história de Portugal não entra em maiores detalhes sobre os primórdios da formação étnica portuguesa. Entendem os historiadores ser difícil precisar a cronologia na qual esse caldeamento teve lugar.

Igualmente, existe uma controvérsia sobre a origem do homem pré-colombiano, embora a hipótese de Paul Rivet, referindo migrações sucessivas e de diversas procedências, seja a mais aceita. É nessa perspectiva que se tenta explicar a origem do indígena brasileiro.

Tanto quanto o português, o indígena apresentava, quando o Brasil foi descoberto, sensíveis diferenciações, variando do estágio cultural em que se encontravam.

O elemento negro trazido à colônia e que passou a constituir, quanto à força do trabalho, "o pilar mais sólido sobre o qual se erigiu a sociedade brasileira", (A. Mendes Júnior, Luiz Roncari e Ricardo Maranhão, p. 103 - 1978) também não tinha uma única procedência. Os gru-

pos que chegaram ao Brasil procederiam de dois troncos distintos: sudaneses e bantos. Segundo Mendes Jr. (p. 103) "o predomínio do escravo negro foi total nas grandes áreas açucareiras da Bahia e da Zona da Mata Nordestina, generalizando-se mais tarde para todas as de economia exportadora do Brasil."

Desses elementos, conseqüência de anteriores processos miscigenatórios, resultou a diversificação do povo brasileiro apresentando como tipos de cruzamento: o mameluco, o mulato e o cafuso.

5.1 - O ÍNDIO

Os indígenas do Rio Grande do Norte pertenciam a duas nações: tupis e tapuias. Os potiguares, integrantes do povo tupi e os cariris, originários do grupo tapuia. Os tupis aliaram-se aos portugueses desde a celebração da paz firmada em 1599, pouco antes da fundação da cidade do Natal. Cascudo (p. 38 - 1955) afirma que a denominação **cariri** significaria calado, silencioso, taciturno e teria sido usada primeiramente pelos tupis, seus inimigos. Ao contrário dos potiguares que permaneceram fiéis ao tratado de paz firmado, a tribo dos janduís, integrantes do qrupo cariri, se aliou aos holandeses durante o domínio batavo.

A distribuição dos indígenas na capitania do Rio Grande pode ser descrita da seguinte forma: os potiguares se espalhavam pelo litoral no sentido sul-norte indo da Baía da Traição até o Rio Jaguaribe. Os cariris, oriundos da Paraíba, habitavam a região do Seridó; parte do grupo cariri, procedente do Ceará, se localizava na chapada do Apodi. Ainda se registra a presença de cariris na região do Açu e Upanema.

A princípio, o indígena se agrupava em aldeias. Contava sempre com a presença de religiosos de diversas ordens, predominando os jesuítas. Nessas aldeias o índio passava a adotar costumes incompatíveis com a sua cultura, impostos pelos religiosos. Entretanto, eram estes que o defendiam contra a escravidão. O aldeiamento que se procedeu no Rio Grande do Norte pode ser visualisado no seguinte quadro:

Nome	Invocação	Nação	Ordem Relig.
Guagiru (Extremoz)	São Miguel	Tupis-Tapuios	Jesuítas
Apodi	S.João Batista	Tapuios	Carmelitas
Mipibú	Santana	Tupis	Capuchinhos
Guaraíras Arês	S. João Batista	Tupis	Jesuítas
Gramació	N.S.do Carmo	Tupis	Carmelitas

Uma decisão real transformou as aldeias ou reduções em vilas. A partir de então, o indígena ou regride ao estado nômade ou assimila hábitos que resultam na sua desagregação. Cerca de trezentos anos foram suficientes para o quase total extermínio da população indígena da capitania.

Entre 1687 e 1697 ocorreu um episódio significativo na história do índio no Rio Grande do Norte e na própria história da colonização da capitania. Trata-se do fato conhecido como **"Guerra dos Bárbaros"** ou **"Confederação dos Cariris"**.

Os colonos já não andavam apenas "arranhando pelo litoral", como dizia Frei Vicente do Salvador. Eles haviam penetrado no sertão, ocupando as terras que antes constituíam posse dos indígenas. Nestas terras começou a proceder-se a criação de gado, o que chegava já a notabilizar a capitania. Se por um lado os colonos ambicionavam transformar o índio em escravo, por outro lado o indígena dizimava rezes, considerando-as apenas um recurso alimen-

tar. Tal situação preparou, de maneira remota, a Guerra dos Bárbaros. Os índios desde muito tempo vinham reagindo à penetração do colono em suas terras. Algumas vezes capitães-mores entraram em luta armada para apaziguá-los. Cascudo (p. 97 - 1955) afirma: "Em fevereiro de 1687 a situação estava declarada. Os indígenas corriam incendiando, matando o gado e os vaqueiros e plantadores do sertão."

Na ação de pacificar o indígena, destacou-se Bernardo Vieira de Melo, que na oportunidade, fundou o arraial de Nossa Senhora dos Prazeres do Acre, zona de maior atrito entre o índio e o colono. Assinala-se ainda a presença do conhecido Domingos Jorge Velho que, posteriormente, comandaria a destruição do quilombo dos Palmares.

A conseqüência maior da Guerra dos Bárbaros foi, além do já mencionado extermínio da população indígena, o desbravamento do território da capitania em todas as suas direções.

A herança cultural do índio se faz presente na toponímia original: Caicó, Mossoró, Açu, Parnamirim, Ipanguaçu são exemplos. Nos demais aspectos não deixou o indígena, na antiga capitania do Rio Grande do Norte, traços mais relevantes que em outras regiões do Brasil.

5.2 - O BRANCO

O elemento branco, que quase com exclusividade, compôs a etnia no Rio Grande do Norte, foi o português, conquistador e colonizador. Os que defenderam a idéia de que, na região interiorana, indivíduos de pele clara, olhos azuis e cabelos louros, viriam a significar a influência do holandês não atenderam para um outro fato. O elemento português, chegado ao Rio Grande do Norte, era originário das regiões entre Douro e Minho e das Beiras, províncias portuguesas onde dominaram os celtas e godos que lhes legaram tais características. O francês, contrabandista, teve contribuição insignificante na etnia do Rio Grande do Norte. Aqui o procedimento de manter-se afastado das populações nativas foi adotado pelos franceses, como o fez em suas colônias onde foi mínima a miscigenação.

O contingente branco chegou a Natal muito lentamente, vindo a tornar-se mais denso, quando, segundo Cas-

cudo (p. 49 - 1955) "...dos quarenta e nove mil, duzentos e cinqüenta (49.250) habitantes, dezesseis mil e novecentos (16.900) eram brancos."

Assim, o português é o representante branco da nossa etnia. Ele legou à capitania sua religião e suas tradições. As três primeiras vilas fundadas - Extremoz, Arez e Portalegre - receberam o nome de províncias portuguesas.

Os festejos, que à época junina e natalina são vividos no Estado, tais como: bumba-meu-boi, chegança, pastoril e fandango, ainda constituem um legado do branco português.

5.3 - O NEGRO

O freqüente apresamento de indígenas pelos colonos na capitania do Rio Grande é explicado pela falta de recursos para adquirir escravos negros.

O retardamento da entrada do elemento negro no Rio Grande do Norte, que vai apenas se consumar no século XVIII, é justificado por Tarcísio Medeiros (p. 78 - 1978, Separata) pelo fato de: "...não haver diversificação de produto de sustentação econômica em que ele fosse empregado na mão-de-obra como escravo, sobretudo."

Com a ativação da indústria açucareira, a partir de 1845, especialmente nas regiões do vale do Ceará-Mirim e São José de Mipibu, a chegada do elemento negro assume um maior significado. A cultura algodoeira, com a sua produção absorvida pelos mercados da Europa, deslocou a entrada, das regiões dos vales para o sertão do Seridó. Essa população negra se tornou rarefeita quando, em virtude de secas, se processaram migrações internas.

Os negros que chegaram ao Rio Grande do Norte eram provenientes de Angola e sua via de acesso era Pernambuco.

Na capitania do Rio Grande, o negro não formou quilombos nem se amotinou. O próprio quantitativo insignificante de escravos negros na região explica essa realidade.

Em decorrência da pouca expressividade entrada do negro, o Rio Grande do Norte apresenta caracteres negros pouco significativos no seu processo de miscigenação, quando comparado com outras regiões do Brasil.

Na História do negro no Rio Grande do Norte, merece ser destacada a antecipação da abolição da escravatura quando se efetivou em Mossoró, a 30 de setembro, a alforria dos últimos escravos.

Decretada a Abolição, os negros perambulavam pelos engenhos e fazendas buscando recursos para o sustento. A liberdade lhes era concedida, mas paralelamente, não lhes era assegurada oportunidade de trabalho. Essa é a explicação mais lógica para o fato de muitos negros libertos permanecerem nas propriedades onde antes eram escravos.

Apesar da reação que se esboçou, persistem no Rio Grande do Norte alguns redutos negros. Os mais conhecidos são: Coqueiros, no município de Ceará-Mirim, Zumbi, no município de Touros e Munim, Catolé, Grota, Manimbu e Simbaúma, na região do vale do Capió.

Os estudiosos citam as confrarias de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e São Gonçalo como um traço da cultura negra no Rio Grande do Norte. Essas irmandades podem ser percebidas não apenas como reveladoras de um espírito de religiosidade, mas como um processo onde o negro se integrava para defender seus interesses

Essas irmandades podem ser percebidas não apenas como processo onde o negro se integrava para defender seus interesses.

5.4 - EXERCÍCIO

1 - Relate, de maneira sucinta, o episódio conhecido como Guerra dos Bárbaros, destacando os seguintes aspectos:
   1.1 - Panorama da capitania no período em que aconteceu o fato.
   1.2 - A causa que originou o conflito.
   1.3 - As mudanças que a "Confederação dos Cariris" acarretaram para a capitania.

2 - Estabeleça uma relação entre a transformação das reduções em vilas e a desagregação da população indígena.

3 - Explique o aparecimento tardio do elemento negro na capitania do Rio Grande.

10 - A INTENTONA COMUNISTA DE 1935

"Crepitava a cidade num tiroteio infernal. De momento a momento, soavam dentro e fora do quartel aclamações a Luís Carlos Prestes e à Aliança Nacional Libertadora."
(Aldo Fernandes R. de Melo)

10.1 - ANTECEDENTES

Todo fato histórico tem suas causas remotas e imediatas. E aqui a história não foi diferente. Vamos encontrar as causas remotas na Aliança Nacional Libertadora. E o que era esta Aliança? "A Aliança foi uma frente única dos partidos de esquerda, sindicatos, certa ala tenentista e elementos apartidários - fusão de parte da classe média e operariado." (Carone, p. 127 - 1975). Era um partido de âmbito nacional que dirigia as greves e organizava as manifestações públicas. Do ponto de vista ideológico, a Aliança desenvolveu um programa bastante abrangente. Continha aspirações de todas as classes sociais e partidos, desde os democráticos até os comunistas. No seu manifesto-programa de fevereiro de 1935, a Aliança exigia o cancelamento das dívidas imperialistas, nacionalização das empresas estrangeiras, liberdade de manifestações, fim dos latifúndios, defesa da média e pequena propriedade, etc. Em outro manifesto pedia: jornada de oito horas, aposentadoria, salário igual para igual trabalho e garantia de salário mínimo. Segundo Muricy, p. 29 - 1966, a Aliança "...se apresentava como um movimento destinado a lutar pelas reivindicações populares e combater o imperialismo e o latifúndio ... na realidade seguia o programa que lhe era imposto pelo Partido Comunista."

Liderava a Aliança, na verdade, Luís Carlos Prestes, seu presidente de honra, filiado ao partido comunista desde 1928. A delegação do movimento revolucionário seria feita por ele. Em seus manifestos, ele conclamava os seus companheiros para que se derrubasse o fascismo, o governo de Vargas e se entregasse todo o

poder à Aliança Nacional Libertadora. É fácil de se concluir que havia interesse, por parte dos correligionários da Aliança em promover uma revolução.

10.2 - O MOVIMENTO EM NATAL

Em Natal, o movimento se revestiu de características peculiares. A política partidária no Rio Grande do Norte nunca foi de um nível muito elevado. Infelizmente, tem razão Muricy (p. 30 - 1966) quando nos fala de costumeiras picuinhas, perseguições e na trama da politicalha que envolvia a campanha de 1935. O governador Rafael Fernandes Gurjão, eleito pela Assembléia Legislativa, empossado em 29 de outubro, promoveu demissões em massa e extinguiu a Guarda Civil. Muitos ficaram desempregados. Todos descontentes. De acordo com Furtado (p. 121 - 1976) "...o Governador Rafael Fernandes, fazendo um governo essencialmente partidário, logo no início de sua administração, pelo Decreto nº 19, de 20 de novembro de 1935, extinguiu a Guarda Civil... Foi esse um ato de mera perseguição, de odiosidade partidária porque a entidade extinta havia sido criada por João Café Filho e sempre fora fiel à autoridade constituída e imune ao virus político partidário. Com esse Decreto foram postos à rua cerca de trezentos mantenedores da ordem, que passaram a sofrer fome com suas famílias... Daí porque alguns deles, um número insignificante malgrado tudo, tomaram parte no levante vermelho, imaginando um meio de derrubar o governo que lhes tirara o pão de cada dia."

No número 48 do jornal "Dois Pontos" há uma entrevista com o Dr. Clóvis Travassos Sarinho, onde ele dá o seguinte depoimento sobre a Intentona Comunista: "A revolução comunista rebentou no dia 23 de novembro de 1935. Rafael Fernandes havia assumido o governo no dia 29 de outubro do mesmo ano. Foi uma luta muito grande no Estado e por conta daquilo, muita gente sofreu perseguições, em muitos casos pessoas que não tinham nada com política mas que foram rotuladas de comunistas só porque eram amigas de Café Filho e outros eram amigos de Mário Câmara. Quando começou a fase de repressão, depois da derrota do movimento, começaram a prender

ano, beltrano e sicrano, só porque eram amigos daqueles
líticos... Quem liderou a revolução comunista foram ape-
; três civis e alguns militares que não tinham expressão,
ponto de vista de hierarquia, porque o mais vivo de
los eles, o mais atuante mesmo, foi um cabo, o cabo
condo Dias, do Exército. Era um rapaz moço, talvez
n seus 22 anos de idade. Os demais eram um sargento
sico - Quintino - e o sargento Eliel Diniz... Logo que
'ael Fernandes tomou posse tornou sem efeito a lei que
ira a Guarda Civil, no tempo de Mário Câmara. Di-
n - e é verdade mesmo! - que o mal do governo naquele
npo foi recrutar muita gente de Pernambuco, da Paraíba
lagoas, gente sem condição, e com essa gente se querer
ciar o Estado, manter a ordem em algumas cidades e
ecialmente na capital. Essa Guarda Civil fez coisas
íveis! Fez agressões a várias pessoas! Houve no Estado,
ante a campanha política, cinco assassinatos, inclusive
o filho do dr. Juvenal Lamartine, Otávio, que era um
nem ótimo, uma espécie de Silvino Lamartine, em ter-
s de bondade. O coronel Felinto Elísio, aquela figura do
riarca de Jardim do Seridó, foi agredido e surrado...
homem que foi presidente da Assembléia Legislativa,
ura conhecidíssima! A violência na capital acontecia
se todos os dias e isso foi gerando uma antipatia muito
nde para Mário Câmara. É tanto que Rafael, uma vez
possado, logo no dia seguinte, dissolveu aquela guarda,
nposta por uns trezentos e tantos homens. Nessa altura,
evolução já estava preparada.

Quem esteve aqui em Natal foi o capitão Otacílio
na, vindo da Paraíba, que era comunista, e que veio para
versar com os oficiais do Exército daqui e tentar a ade-
de alguns deles. Mas não teve êxito. Dizia-se, para
air adesões do meio militar, que o movimento comunista
na à frente o general Góis Monteiro. Mesmo assim,
hum oficial em Natal aceitou tomar parte e o movimen-
se restringiu aos dois sargentos e ao cabo Giocondo. A
olução aconteceu num sábado, às 7 e meia da noite,
is ou menos. Eu estava em casa e o meu caminho tinha
ser o Hospital. Saí a pé. Natal era uma cidade pequena,
ia de areia, e eu saí andando diretamente para o Hos-
al. Quando cheguei lá, mais ou menos 8 horas da noite,

logo mais começaram a chegar os primeiros feridos, de maior ou menor gravidade, entre eles o cabo Giocondo Dias, que vinha com um ferimento no ante-braço. Eu o atendi, fiz sua ficha e fiquei com o seu nome gravado. No dia seguinte, ele voltou ao Hospital e eu lhe fiz novo curativo. E depois disso nunca mais o vi. Sei que na segunda-feira os comunistas ainda estavam na cidade. Foi quando foi impresso o jornal "A Liberdade", que pouca gente aqui em Natal possui um exemplar... Esse jornal só circulou uma vez, em pleno governo revolucionário. Na terça-feira, os rebeldes fugiram, depois de confirmarem que o movimento havia fracassado em outros Estados. Fugiram para o interior. Alguns foram presos..."

Na luta partidária, a vitória do Partido Popular favoreceu e precipitou os acontecimentos. Deduzimos, porém, que qualquer que fosse o resultado das eleições, o movimento comunista teria rebentado. Não fazemos essa afirmação baseados em simples suposição. Os antecedentes da rebelião indicam claramente que a intentona teria irrompido, pois o movimento era de âmbito nacional, com raízes no exterior.

Para retratar o movimento em Natal, transcreve-se, pela autenticidade de fonte primária, a reportagem publicada em "A República" nº 1465, de 28 de novembro de 1935. A reportagem está transcrita em ortografia atualizada.

"Natal em toda sua existência de cidade pacata, não fora ainda constrangida a assistir espetáculos tão tristes e de tão sangrenta dramaticidade como os das noites de desespero e horror, sob o domínio cruento da estupidez desenfreada dos elementos extremistas.

Pelas 19,30 de sábado, quando o Governador do Estado (Dr. Rafael Fernandes Gurjão), alguns dos seus secretários e grande parte da sociedade natalense, com alunos das Escolas, assistiam no "Carlos Gomes" (Teatro Alberto Maranhão) à festa de diplomação dos contabilistas do Colégio Marista, foram surpreendidos pela irrupção de um levante que logo aos primeiros momentos se caracterizou nitidamente extremista.

Os tiroteios esparsos pelos bairros da cidade e a correria nas ruas, apavoravam famílias, lançando o desas-

sossego em todos os espíritos. Logo mais, soube-se que elementos do 21º B.C., ligados a indivíduos de idéias sabidamente avançadas, se achavam apossados de vários pontos da capital, paralizando o tráfego de bondes e automóveis e tiroteando desvairadamente os pedestres que se arriscavam a percorrer as ruas, de regresso aos lares.

Toda a noite de sábado foi assim, de incalculável terror. Os rebeldes, no intuito de atemorizar a população, lançavam granadas e atiravam rajadas de metralhadora por toda parte. O Batalhão de Polícia Militar - atualmente Casa do Estudante -, sob o comando do major Luiz Júlio, que ali se achava em companhia do coronel Pinto Soares, comandante do 21º B.C., vários oficiais e alguns civis, trinta e poucos homens, ao todo (havia um total de cinqüenta homens), foi logo assediado pelos sediciosos, que se entrincheiraram nos prédios e ruas adjacentes. O Batalhão resistiu com uma coragem extraordinária, durante 19 horas à superioridade numérica e bélica dos assaltantes.

Depois do assédio do Batalhão, que com seu edifício quase desmoronado, as paredes crivadas de balas, caiu às 15 horas do domingo, a cidade inteira se tornou campo da ambição, do ódio e dos instintos dos mal-hordeiros. A caça aos automóveis públicos e particulares,"limousines" e caminhões "Ford" e "Chevrolet" que se encontravam nos depósitos de suas respectivas agências, foi um dos primeiros atos da situação desgovernada, acéfala, confusa e titubeante. Então, aos tiros e clamores bárbaros, de rua em rua, em doida disparada, os sublevados puseram em pé-de-guerra a cidade, varejando casas, praticando arrombamentos de toda espécie, saqueando armazéns, carregando mercadorias em caminhões, abrindo à turba sanguinária, as casas comerciais.

Durante os dias de horror, foram assaltadas e roubadas, entre outras, as seguintes firmas: "A Chilenta", M.Martins & Cia. (Agência Ford, com um prejuízo de cerca de 170 contos de perdas), Viúva M.Machado (Armazém de gêneros alimentícios), Cia. Sul América, Vianna & Cia., Casa Lafayett, C.Galvão & Cia. (Ferregens), Cia. Souza Cruz, M.Affonso (Joalharia), a Casa das Fazendas Baratas, (Molhados) e Armazém Copacabana.

O Mercado Público e os quiosques circunjacentes

também foram assaltados e depredados sem nenhuma comiseração pelos seus pobres ocupantes, que ali ganham a vida no pequeno comércio.

Quase todas as Repartições públicas estaduais e federais sofreram as conseqüências da barbaria reinante. Os cofres do Banco do Brasil, (Banco Rural, segundo telegrama do governador), Delegacia Fiscal, Recebedoria de Rendas foram criminosamente arrombados a maçarico, ficando os documentos, papéis públicos, selos, espalhados pelo chão, de mistura com as cinzas e detritos da destruição.

Enquanto isso, de rua em rua, procediam os rebeldes a caça às autoridades constituídas. O Governador Rafael Fernandes, em companhia do seu secretariado e inúmeros amigos, saiu do Teatro sob o tiroteio dos rebeldes, em direção à residência do Sr. Xavier Miranda, transferindo-se depois para o Consulado da Itália, acompanhado do Dr. Aldo Fernandes, secretário geral do Estado. O cônsul, Sr. Guilherme Lettieri, cercou de maior conforto o chefe do Governo constituído. Entrando em ligação com as forças legais, o Governador do Estado pôs-se ao par do que ia sucedendo, orientando providências e se comunicando com diversos pontos.

O monsenhor João da Mata, presidente da Assembléia Constituinte e os Drs. Gentil Ferreira, prefeito da Capital, Paulo de Viveiros, chefe de gabinete do governador e Edgar Barbosa, diretor da Imprensa Oficial, abrigaram-se durante os dias de luta no Consulado do Chile, recebendo da família dos Srs. Carlos e Amador Lamas Elihimas as maiores demonstrações de conforto e fidalguia.

A população da capital atravessou momentos terríveis, que as palavras mal podem descrever. As dificuldades insuperáveis para se conseguir gêneros alimentícios, com as ameaças constantemente feitas pelos rebeldes, puseram em pânico Natal inteira. Enquanto isso, os boatos alarmantes andavam de ouvido em ouvido, sendo os sublevados os primeiros a lançar notícias terroristas.

As famílias que veraneavam na praia da Redinha, e que hospedaram inúneras pessoas foragidas desta capital, tiveram também terríveis sobressaltos... Os seus chefes foram intimados a se apresentar à uma junta governativa

constituída de elementos cuja vida pregressa não autorizava ninguém a acreditar em garantias de qualquer espécie. Nessa praia a busca de armas foi vexatória, tendo o pelotão que ali praticou arruaças trazido presos vários cidadãos, entre eles o Sr. Arnaldo Lira, que aqui, na casa onde se instalara a junta revolucionária, foi gravemente ferido a sabre.

Temos a lamentar diversas mortes e ferimentos em pessoas reconhecidamente pacatas, contra as quais se atirava a esmo, numa caçada selvagem. Oportunamente, publicaremos minuciosa reportagem dessas tristes ocorrências.

O Governador Rafael Fernandes, prestigiado pelo povo e pelas autoridades da República, tomou desde ontem as medidas mais severas de vigilância e repressão contra esses elementos que deram ao Brasil, no Rio Grande do Norte e em Pernambuco, o mais sangrento e triste exemplo de verdadeiras intenções políticas."

O historiador Hélio Silva dá o seguinte depoimento sobre o movimento em Natal. "O levante de Natal foi uma revolta de cabos e sargentos, operários, funcionários públicos. A maioria nada sabia de comunismo. Nem mesmo os dirigentes do movimento, os poucos declaradamente comunistas, tinham formação marxista. Eram revoltados simplesmente. O elemento de mais popularidade, o sargento Quintino, da banda de música do Regimento, não era letrado. Acreditava apenas que o comunismo solucionaria os problemas brasileiros. O grosso dos adesistas julgava tratar-se de um movimento para repor o interventor Mário Câmara."

O governo comunista foi instalado em Natal, a 25 de novembro. Sua constituição é um atestado de seu despreparo e inexpressividade de seus dirigentes. O Comitê Popular Revolucionário ficou sediado na residência do governador - Vila Cicinato - na Praça Pedro Velho. Era a seguinte sua constituiçã: Lauro Cortês Lago, ex-diretor da Casa de Detenção, demitido por Rafael Fernandes, "Ministro do Interior"; José Macedo, ex-tesoureiro dos Correios, demitido por peculato, "Ministro das Finanças"; João Batista Galvão, ex-secretário do Atheneu, "Ministro da Viação"; José Praxedes, sapateiro, "Ministro do Abastecimento";

Quintino Clementino de Barros, sargento-músico do 21º B.C., "Ministro da Defesa".

Na história da Intentona Comunista não se pode deixar de registrar a heróica resistência do quartel da Polícia Militar. "Dificilmente a Polícia Militar do Rio Grande do Norte escreverá, na sua história, uma página mais brilhante do que essa na luta armada contra um inimigo muitas vezes superior em número..." (Medeiros Filho, p. 21 - 1980).

O movimento em Natal terminou inesperadamente como havia começado. Como lembra Muricy, p. 34 - 1976: "O ambiente cada vez mais se agravava no Estado, quando, para surpresa geral, no dia 27, sem maiores esclarecimentos, os revoltosos abandonaram a cidade em pequenos grupos e se embrenharam no interior do Estado, onde muitos foram mais tarde capturados."

Em Canguaretama foram presos três membros do Comitê Popular Revolucionário: Lauro Cortês Lago, João Batista Galvão e José Macêdo, que conduzia 210.632$600 (duzentos e dez mil, seiscentos e trinta e dois contos e seiscentos réis).

10.3 - RESISTÊNCIA NO SERIDÓ

A resistência no Seridó foi liderada por Dinarte Mariz, tendo tomado parte, entre outros: Enock Garcia, Humberto Gama, Oscar Siqueira, José Epaminondas, João Agripino Filho, Francisco Trindade, Florêncio Luciano, Vivaldo Pereira, José Ermino de Medeiros, capitão Severino Elias e o tenente Antônio de Castro. A principal luta com os comunistas ocorreu na "Serra do Doutor", entre as cidades de Santa Cruz e Currais Novos. Quando os homens do Seridó chegaram à Natal, no dia 27, já encontraram a cidade ocupada pela tropa da Polícia da Paraíba, enviada pelo governador Argemiro de Figueiredo. Estava encerrado assim o movimento comunista em Natal.

10.4 - O MOVIMENTO EM RECIFE

Em Recife, o movimento armado teve uma importância muito maior. A batalha foi muito mais violenta.